

## ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA EM TIMOR-LESTE

O ensino e a aprendizagem de história e das ciências sociais encontram-se em tensão acerca de seus objetivos, abordagens e produtos, não apenas em Timor-Leste, mas em diversas outras nações do mundo atual. Oscilando entre as abordagens tradicionais e modernas, entre as necessidades de memorizar, compreender ou criticar os conteúdos, ou ainda de relatar a história contada hegemonicamente a partir de pontos de vistas diferentes.

É conhecido que o ensino da história pode influenciar comportamentos, valores, crenças, encorajar ou desencorajar atitudes e, desse modo, influenciar na construção de identidades dos indivíduos e dos grupos sociais. Por esta razão, as classes sociais que detêm o poder em determinados momentos e espaços possuem grande interesse sobre as condições de trabalho e formação dos professores, assim como sobre os conteúdos curriculares, as condições de estudos dos alunos, e regem tais condições segundo seus interesses.

Os países que passaram por governos ditatoriais tiveram os estudos das ciências sociais mais claramente censurados, com proibições sobre o que se poderia dizer, quando e como. Entretanto, dificuldades nas condições de ensino e aprendizagem conseguem também prejudicar o acesso, a socialização e a produção de

conhecimentos sem que a relação apareça diretamente entre interesses de classes sociais, que estão no poder e na construção de saberes sobre história.

Na história de Timor-Leste temos longos períodos de ingerência coercitiva sobre os estudos sociais durante todo o período da colonização portuguesa em que a história estudada era prioritariamente a história de Portugal, sobretudo das conquistas desse país. Algumas histórias timorenses eram proibidas de serem relatadas a menos que concordassem com as interpretações da metrópole, como por exemplo, dos heróis timorenses que se rebelaram contra a colonização. Outras histórias foram desencorajadas, desvalorizadas e suprimidas dos currículos.

As diferenças e injustiças sociais prejudicavam o acesso dos estudantes ao sistema escolar, bem como a permanência e a aprendizagem no interior das escolas. Segundo o CENSO, em 1970, de 650.000 pessoas correspondentes à população timorense, somente 3,3%, maiores de 10 anos e 2,5% maiores de 30 anos concluíram a 4ª série do ensino fundamental. Apenas 10% da população total era alfabetizada, e 0,25% tinha ensino secundário e pós-secundário em língua portuguesa.

Durante a ocupação indonésia, foram construídas mais escolas e, portanto, oportunizados mais acessos aos estudantes.

Entretanto, ao impor as línguas de ensino, entre outras formas de autoritarismo e violências, este período também não contribuiu com as condições necessárias para pesquisa, socialização e produção de conhecimentos nos estudos sociais.

Timor-Leste chega ao século XXI como uma jovem nação, com muita história para ser pesquisada, analisada, socializada por seu próprio povo. Um povo com excelente memória, respeito por seus valores, culturas e habilidades linguísticas. Um povo que precisa cultivar, sobretudo, a partir das escolas e universidades, os hábitos de visitar museus e monumentos, de pesquisar bibliografias, documentos, de entrevistar seus conterrâneos e de produzir teatros, documentários, artigos, entre outras formas de divulgações de seus saberes, para desta forma, firmar sua identidade, fortalecer sua autodeterminação e proteger suas riquezas.

Tem-se aqui a tarefa de sistematizar seus registros antes que se percam a cada momento em que se perde um *Katuas* ou uma *Férik*.

Sidneya Magaly Gaya  
Mestre em Educação (PQLP/CAPES)  
e-mail: sidneyamagaly@gmail.com

## ÚLTIMAS PALAVRAS - COOPERAÇÃO BRASILEIRA PQLP/CAPES SE DESPEDE DE TIMOR-LESTE

Chegamos ao final das nossas atividades docentes em Timor-Leste, esta terra que nos deu muito mais do que poderíamos esperar, tanto em experiências pessoais quanto profissionais.

Como final do Programa de Qualificação Docente e Ensino de Língua Portuguesa no Timor-Leste (PQLP/CAPES), é inevitável relembrar de tudo o que aqui vivemos e aprendemos, e o quanto mudamos durante nossa atuação pelo Programa.

Aqui, pôde-se ver semelhanças entre timorenses e brasileiros em termos de oportunidades, distribuição de renda, políticas públicas, e de ganas de desenvolvimento e afirmação enquanto país independente, no presente período histórico.

Enquanto docentes, temos muito a agradecer à missão que nos foi delegada: plena em descobertas e renovações.

Como profissionais que trabalham acreditando que o ser humano pode sempre ser uma versão melhor de si mesmo, independente de sua idade e

do seu passado, buscamos aperfeiçoar nossa prática pedagógica, no intuito de aperfeiçoar o conhecimento, as habilidades e o pensamento crítico não só ultrapassasse as dificuldades vigentes no país, como se o ambiente educacional anulasse todo o entorno (família, tradições, casa, trabalho, finanças), mas sim, que dialogasse com

Ser dialógico é também uma forma de cuidar do outro e deixar que cuidem de nós, de fazê-lo sentir-se acolhido na vida, que nada nos disse quando cá viemos.

os aspectos da vida e que, de fato, os estudantes pudessem construir sentidos próprios. Assim, empreendemos esforços para um processo significativo de educação nas ciências humanas, exatas e linguísticas.

Aqui, nem sempre pudemos acertar a contento. Muitas vezes, adaptações pessoais e profissionais foram necessárias. No entanto, foi aqui também onde conhecemos o respeito ao docente (infelizmente, escasso no Brasil), e foi esse reconhecimento pelos alunos, o principal fator que nos motivou a buscar a constante melhoria de nossa prática docente.

Ao contrário de algumas crenças, neste lugar, pudemos constatar que nada

é óbvio e que tudo requer esclarecimento e organização. Tudo ao nosso redor clama por ser entendido, mas isso só acontecerá se tudo for detalhado e explicado com o merecido cuidado. É aí onde está a essência da prática pedagógica e de nossa atuação como docentes.

Do outro lado, temos seres humanos, ávidos por orientação, atenção e com muita história a contar. E ser dialógico é também uma forma de cuidar do outro e deixar que cuidem de nós, de fazê-lo sentir-se acolhido na vida (que nada nos disse quando cá viemos) e vice-versa.

Com este texto, fica o sabor dos aprendizados trocados, das amizades, das convivências internacionais intergeracionais, interlinguísticas, a gratidão, e, sobretudo, fica o desejo de que a Cooperação Brasileira possa continuar um dia, em breve, esse rico intercâmbio cultural e de saberes com o Timor-Leste.

Juliana Paiva Santiago  
Mestre em Linguística (PQLP/CAPES)  
e-mail: julisantiago.jps@gmail.com>